

A Economia de Pernambuco: Dinâmica Econômica, Mudanças Recentes e Perspectivas

Tania Bacelar de Araújo¹
Valdeci Monteiro dos Santos²

Resumo

Este artigo examina a dinâmica e as transformações da economia de Pernambuco de 2004 a 2018, considerando os momentos de (i) ciclo de crescimento (2004-2014), sob efeito concatenado da expansão do mercado interno e da renda nacional e do impulso dos investimentos (destaque para o Complexo Portuário Industrial de Suape); (ii) retração influenciada pela crise brasileira (2015-2016); e discreta retomada (2017-2018). Entre as mudanças estruturais significativas ressaltam-se: o surgimento de novas indústrias como a de Petróleo e Gás e a Automobilística; a reestruturação de segmentos tradicionais; a expansão de serviços, em especial os voltados para a produção; a reorganização da base agropecuária; e o avanço da produção de energia eólica. Bem como, a ampliação gradual da abertura econômica, o aumento do emprego formal e a interiorização do desenvolvimento. O artigo finaliza reconhecendo os avanços ocorridos, apesar da crise em curso da economia brasileira; mas, alerta para o grande desafio da inserção da base produtiva e da sociedade pernambucana no mundo em mutações profundas com destaque para a passagem para era digital.

Palavras-Chave

Desenvolvimento econômico. Pernambuco. Nordeste. BNB. Dinâmica e transformações econômicas.

1 Introdução

Examinar a dinâmica e as mudanças mais relevantes ocorridas na economia de Pernambuco nos anos iniciais do século XXI é o objetivo deste artigo. Isso será feito numa perspectiva comparada com a economia do Nordeste e do Brasil. Ao final, serão destacados os principais desafios que se apresentam para o futuro da economia estadual.

O texto está dividido em três partes. A primeira examina a evolução da economia estadual de 2004 a 2018, observando as fases de dinamismo, de desaceleração e o momento atual de instabilidade e incerteza; a segunda registra as transformações mais significativas ocorridas na sua base produtiva; a terceira apresenta desafios estratégicos da economia pernambucana para os próximos anos.

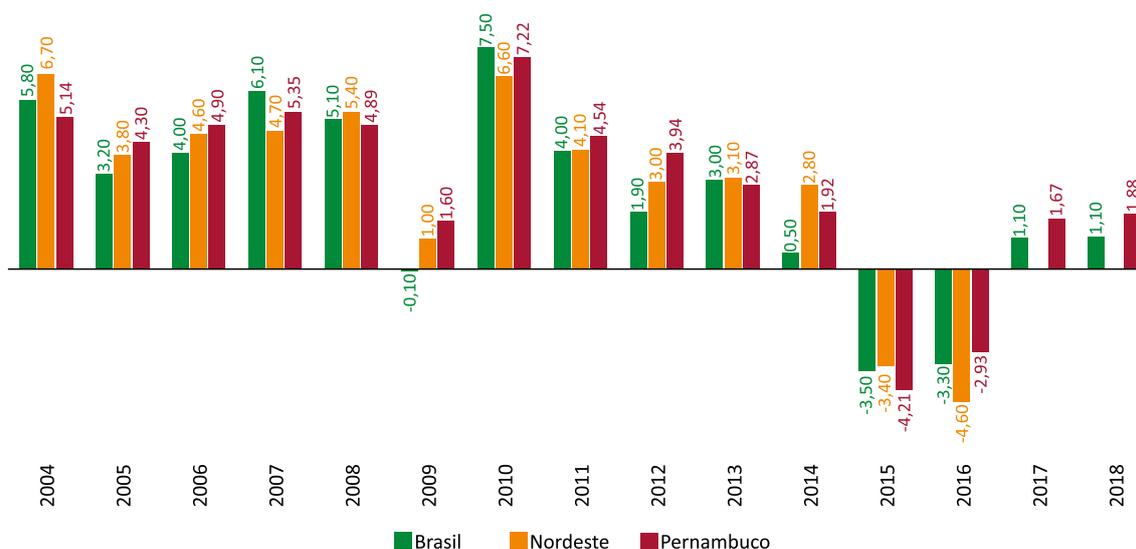
2 A Dinâmica da Economia Entre 2004 e 2018

A dinâmica da economia de Pernambuco no período 2004 a 2018 pode ser compreendida a partir de momentos distintos, conforme pode ser visto no Gráfico 1: uma fase de ciclo expansivo, com crescimento médio anual de 3,8% a.a. (2004 a 2014), apesar de impactos da crise mundial de 2008/2009; outra de desaceleração (2015 a 2016), registrando taxas de -4,2% e -2,9%; e o momento mais recente (2017-2018) de discreta recuperação de 1,7% e 1,9%.

1 Doutora em economia pública e organização do território pela Universidade de Paris 1 (Panthéon Sorbonne), professora aposentada do departamento de geografia da UFPE e sócia da Ceplan Consultoria

2 Doutor em desenvolvimento econômico pela Unicamp-SP, professor de economia e assessor de planejamento da Universidade Católica de Pernambuco e sócio da Ceplan Consultoria

Gráfico 1 – Brasil, Região Nordeste e Estado de Pernambuco, Taxas de variação anual do volume do PIB a preços constantes (valores em %) 2004 a 2018



Fonte: Contas Regionais/IBGE; Contas Nacionais Trimestrais/IBGE; Agência Condepe-Fidem.
Nota: Os valores de 2017 e 2018 são informações preliminares, sujeitas a alterações.

Fase 2004-2014: Ciclo de crescimento

O Estado de Pernambuco, após vivenciar um momento de grandes dificuldades nas duas décadas³ finais do século XX, passou a experimentar um novo ciclo de dinamismo e de transformações relevantes na sua base produtiva. Este ciclo ocorreu entre 2004 e 2014 e contemplou dois momentos.

O primeiro, nos anos iniciais do século XXI, em especial entre 2004 e 2007, foi acionado a partir da expansão do mercado interno e melhoria geral do padrão de consumo brasileiro, no contexto de um ambiente internacional favorável. O Estado registrou nesses quatro anos uma taxa de 4,9% a.a. do PIB, com o Brasil apresentando uma taxa de 6,1% a.a. (Gráfico 1). Foi um período em que ocorreu significativo crescimento dos serviços pessoais; da construção civil; da fabricação de bens de consumo básicos como alimentos, bebidas, roupas; e do comércio varejista, este último chegando a apresentar aumento de 14% nas vendas em 2005 (Pesquisa Mensal do Comércio – IBGE).

O segundo momento, de 2007 a 2014, a economia estadual passou a ser impulsionada, sobretudo pelos investimentos na implantação de empreendimentos produtivos e em obras de infraestrutura viária, hídrica e urbana, entre outros. Pernambuco cresceu nesta fase a uma taxa média anual de 4,1 % a.a. (contra 3,5% a.a. do Brasil), ressaltando o dinamismo da construção civil, com 5,9% a.a. (Contas Regionais, IBGE). Os reflexos deste dinamismo foram sentidos no aumento dos empregos formais e no rendimento do trabalho. Para se ter uma ideia, os empregos formais da construção civil registram crescimento médio de 8,2% a.a. nos anos entre 2007-2014 (RAIS-MTE).

Estudo realizado pela Ceplan Consultoria Econômica e Planejamento em 2013 para Federação das Indústrias de Pernambuco (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO, 2013)⁴, tendo como base projetos de investimentos industriais e em infraestrutura acima de R\$ 100 mil, já apontava para o período 2007-2016, intenções de cerca de R\$ 104 bilhões de investimentos no Estado (equivalente a um pouco mais do PIB estadual de 2010, IBGE).

3 A taxa média de crescimento do PIB do Estado na década de 1970 foi de 8,35% a.a.; entre 1985 e 1990, retraiu para 2,5% a.a.; e na década de 1990, para 0,71% a.a. Ressalta-se a contração verificada na indústria de transformação, que tinha uma participação de 25,4% do Valor Adicionado Bruto Total da economia estadual em 1985 e passou a registrar uma contribuição de 10,9%, em 2002 (IBGE).

4 Pesquisa baseada no Relatório Nacional de Informações sobre Investimentos (RENAI), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC); BNDES, Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MP); Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco e coligadas ADDiper e Suape; sites de empresas (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO, 2013)

Esta fase mais virtuosa de crescimento contou com o apoio de financiamentos de longo prazo, tanto do BNDES quanto do BNB.

No caso do BNDES (ver Tabela1), verifica-se uma elevação do patamar dos desembolsos de sua carteira de projetos em Pernambuco a partir de 2007, com valores acima de R\$1,3 bilhão a.a., com incrementos significativos até 2014. Os projetos estruturadores, como a Refinaria General Abreu e Lima (RNEST), a Petroquímica Suape (PQS), os estaleiros (Atlântico Sul e Promar), além dos investimentos adjacentes a esses projetos e outras operações, absorveram um importante volume de financiamentos do BNDES, que somaram, nos oito anos mencionados, mais de R\$ 48 bilhões alocados no Estado. O mesmo comportamento foi observado no número de operações financeiras que somavam um pouco mais de 3.000, em 2007, e ultrapassaram 20.000, em 2014.

De forma semelhante, o BNB registrou, como pode ser visto na Tabela 2, importantes incrementos nos financiamentos destinados a projetos entre 2007 e 2014: com desembolsos que saltaram de R\$ 0,86 bilhão, em 2007, para um volume de R\$ 3,05 bilhões, em 2014.

Tabela 1 – Pernambuco: Desembolso e Operações do BNDES - 2007-2017

Ano	Desembolso (R\$)	Operações
2007	1.319.722.933	3.104
2008	1.647.072.216	3.925
2009	13.026.464.648	6.268
2010	4.244.890.518	13.960
2011	4.600.737.064	20.351
2012	3.207.609.783	20.963
2013	3.635.899.458	20.522
2014	5.850.021.200	20.020
2015	4.381.329.084	16.340
2016	1.761.553.132	8.309
2017	1.720.718.429	4.203

Fonte: BNDES, apud GUIMARÃES e SANTOS, cap.3, pág.81, In ARAÚJO e ARAÚJO, 2018.

Obs: Volume de financiamento para o ano de 2009 em Pernambuco foi influenciado pelo desembolso realizado ao projeto da refinaria General Abreu e Lima - RNEST que naquele ano totalizou R\$9,9bilhões.

Tabela 2 – Pernambuco: Volume de contratações do BNB - 2007-2014 (R\$ bilhões)

Ano	Valor
2007	0,86
2008	1,38
2009	1,83
2010	2,71
2011	2,31
2012	3,78
2013	2,62
2014	3,05

Fonte: BNB, apud GUIMARÃES e SANTOS, cap.3, pág.84, In ARAÚJO e ARAÚJO, 2018.

Além desta importante base de financiamento, também podem ser mencionados como fatores decisivos para proporcionar este ciclo de crescimento estadual:

- a) **Presença do Complexo Portuário e Industrial de Suape**, estrategicamente posicionado no Nordeste, com diferencial de boa infraestrutura de logística portuária e área para instalação de plantas industriais;
- b) **Decisão estratégica do governo federal de construir a refinaria General Abreu e Lima, retomando após 30 anos, os investimentos da Petrobras no refino de petróleo no Brasil**. Iniciativa que acabou atraindo a implantação de plantas petroquímicas - a Petroquímica Suape - PQS (Petrobras) e a M&G Polímeros do Brasil S/A, liderada pelo grupo Mossi & Ghisolfi;
- c) **Iniciativa também estratégica do governo federal de retomar a indústria naval, resultando no apoio a implantação do Estaleiro Atlântico Sul (EAS)** liderado pelo Grupo Odebrecht, sob o estímulo de demandas da Petrobras por navios petroleiros e plataformas. Ocorrendo também a implantação de outros estaleiros: Promar e CMO;
- d) **Implantação da nova planta Fiat Chrysler Automobiles (FCA)**, no município de Goiana, com perspectiva de gerar efeitos encadeadores, pela atração de empreendimentos direta e indiretamente associados ao setor automobilístico, bem como pelo estímulo ao incremento de outras atividades, como as indústrias de bebidas, videira e de hemoderivados, que se instalaram na sua proximidade;
- e) **Implantação de grandes obras de infraestrutura** como a Ferrovia Transnordestina e a Transposição das Águas do Rio São Francisco;
- f) **Iniciativas do governo estadual**, quer pelos aportes de recursos em obras infraestruturais, (ex. modernização do Porto de Suape), quer pela atração de novas empresas a partir da ampliação dos benefícios fiscais do Programa de Desenvolvimento de Pernambuco - PRODEPE, iniciativa que contribui também para expandir o processo de interiorização do desenvolvimento estadual; e
- g) **Expansão do consumo** verificada ao longo da década 2000 na economia brasileira, que foi especialmente intensa no mercado consumidor nordestino (e pernambucano) impulsionada especialmente pelo dinamismo da ocupação e pelo impacto da elevação real do salário mínimo.

Neste ciclo expansivo de investimentos, foram atraídos para o Estado investimentos de marcas nacionais e internacionais de peso do setor industrial, como AMBEV, FIAT-JEEP, Kraft Foods, Sadia, Pepsico, Novartis, Hemobras, IMPSA, Estaleiro Atlântico Sul, Bünge, entre outras.

Fase 2015-2016: crise da economia brasileira e seus reflexos em Pernambuco

A reversão do ciclo econômico, que ocorreu em Pernambuco, nos anos de 2015 e 2016, quando se verificaram taxas negativas, respectivamente, de -4,2% e -2,9% (ver **Gráfico 1**), resultantes do efeito de um contexto de crise econômica e de instabilidade política nacional que provocou um forte freio nas decisões de investir dos agentes privados e públicos e nos aportes de financiamento e incentivos. Leve-se em conta, ainda, o fato de ter coincidido com o momento, já previsto, de finalização de grandes obras como a da refinaria e a do estaleiro Atlântico Sul, que naturalmente levaria a diminuição dos empregos e dos investimentos em curso.

Pesquisa realizada também pela Ceplan para o LIDE Pernambuco⁵ em 2016, e publicada na revista Negócios PE, n.42/2016 aponta que entre 2014 e 2016, os investimentos produtivos em andamento foram da ordem de R\$ 9,3 bilhões, significando uma importante diminuição dos fluxos de investimentos ocorridos nos dez anos anteriores⁶. Por outro lado, verificou-se neste período o cancelamento dos investimentos de

5 Pesquisa realizada pela Ceplan para o LIDE Pernambuco, com foco nos investimentos realizados entre 2014 e 2016, tendo como fontes: o RENAI do MDIC; BNDES e ADDiper-PE e Suape, SDEC-PE. (LIDE, 2016).

6 Embora haja algumas diferenças das fontes consultadas e no perfil dos investimentos considerados, vale registrar que a já mencionada pesquisa de 2013, realizada também pela Ceplan para FIEPE, chegou a um valor de investimentos produtivos, entre 2007 e 2016, da ordem de R\$70 bilhões, correspondentes a 67,3% de um total, R\$104 bilhões de investimentos estimados. Isto mostra que a crise acelerou o processo de declínio do exitoso ciclo de dinamismo que vinha sendo experimentado pelo Estado (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO, 2013).

28 projetos (envolvendo quase R\$ 1,4 bilhão), bem como o número elevado de projetos (32), perfazendo cerca de R\$ 3bilhões que se encontravam no status de paralisados, por motivos variados (LIDE, 2016).

Além do cancelamento e da paralisação de projetos, a crise também teve efeitos na revisão e mesmo postergação de alguns projetos que estavam em andamento, a exemplo da refinaria, cuja continuidade da segunda etapa de sua implantação, acabou sendo temporariamente interrompida, retomando apenas recentemente.

Este contexto de retração também se confirmou nos dados recentes dos desembolsos e operações do BNDES e BNB. No caso do BNDES, foram aplicados menos da metade dos recursos quando comparado a 2015 e não apresentou recuperação significativa em 2017, permanecendo o patamar de cerca de R\$1,7 bilhão. Já o número de operações registrou expressiva redução, finalizando em pouco mais de 4 mil operações, ou seja, o Banco retornou ao nível de financiamento que operava em 2008.

O Banco do Nordeste também apresentou retração nas operações realizadas no Estado, porém, numa intensidade bem menor que o BNDES. As taxas competitivas do FNE e a participação expressiva da Instituição nas linhas voltadas ao microcrédito permitiram que se mantivessem as contratações acima da R\$ 2,0 bilhões e com início de retomada gradual dos investimentos já registrada em 2017.

Fase 2017-2018: Discreta retomada

Como indica o Gráfico 1, percebe-se discreta retomada das economias brasileira e pernambucana em 2017 (1,1% e 1,6%) e 2018 (1,1% e 1,88%). Não obstante, ainda não se pode dizer que iniciaram um novo ciclo expansivo, sobretudo levando em consideração a conjuntura em curso, no ano de 2019, de grande incerteza e instabilidade. É preciso aguardar os desdobramentos do comportamento da economia brasileira. Não obstante, num cenário de retomada, o Estado tem a vantagem relativa de ter um conjunto de investimentos ainda com potencial relevante de maturação e desdobramentos.

Uma análise mais detalhada da dinâmica dos anos recentes da economia pernambucana da perspectiva setorial pode ser observada a partir dos dados do Valor Agregado Bruto (IBGE), conforme dados da Tabela 3.

Tabela 3 – Estado de Pernambuco, Taxas de variação anual e participação das atividades econômicas no Valor Agregado Bruto, 2004 a 2016

Ano	Taxa de variação (%)				Taxa de participação (%)			
	Total	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total	Agropecuária	Indústria	Serviços
2004	5,2	8,4	15,1	2,8	100	6,2	22,6	71,3
2005	3,9	7,4	1,3	4,2	100	6,6	20,5	72,9
2006	4,4	5,3	4,1	4,4	100	6,5	19,2	74,3
2007	5,0	2,8	9,0	4,1	100	5,9	19,2	74,9
2008	4,6	5,4	1,8	5,2	100	6,1	19,4	74,5
2009	1,6	-1,1	1,2	2,7	100	5,5	19,8	74,6
2010	6,5	-0,9	12,5	5,6	100	4,8	21,9	73,3
2011	4,5	6,2	7,8	3,8	100	4,4	21,6	74,0
2012	3,5	-24,4	2,8	5,8	100	3,5	22,0	74,5
2013	2,9	1,9	1,4	3,0	100	3,5	21,5	75,0
2014	1,4	8,5	-2,6	2,0	100	3,3	18,6	78,1
2015	-4,7	5,8	-10,4	-3,8	100	3,9	20,0	76,1
2016	-2,9	-3,1	-3,1	-2,9	100	4,3	19,7	76,0
2017	1,7	20,1	-0,3	1,2	-	-	-	-

Ano	Taxa de variação (%)				Taxa de participação (%)			
	Total	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total	Agropecuária	Indústria	Serviços
2018	1,9	5,3	2,0	1,7	-	-	-	-
2004/2014	3,8	0,6	3,8	4,1	-	-	-	-
2014/2018	-1,1	6,7	-3,1	-1,0	-	-	-	-

Fonte: Contas Regionais/IBGE; Agência Condepe-Fidem.

Nota: Valores de 2017 e 2018 tratam-se de informações preliminares, sujeitas a alterações.

Indústria

O setor industrial em Pernambuco cresceu a uma taxa anual média de 3,8% do VAB entre 2004 e 2014 e, neste mesmo período, a indústria nacional apresentou uma taxa anual de 2,4% a.a. (Tabela 3).

Destacou-se neste dinamismo o desempenho da Construção Civil, com taxa média anual de 4,5%, chegando a variações superiores a 7% entre 2009 e 2011 (com pico de 13,0% em 2010), momento de auge da construção da Refinaria General Abreu e Lima e do Estaleiro EAS. Além dos grandes empreendimentos industriais, ressalta-se o incremento na área de infraestrutura, impulsionada por investimentos em grandes obras como a ferrovia Transnordestina e o projeto de Integração de Bacias do Rio São Francisco, que se somaram a programas habitacionais, como “Minha Casa, Minha Vida” e o início, em 2010, das obras da Arena da Copa.

Já a Indústria de Transformação obteve um crescimento médio de 1,1% a.a., taxa muito importante, considerando os vários anos anteriores de declínio deste segmento. Além do diferencial competitivo que o Complexo Portuário e Industrial de Suape passou a ter, foi decisiva, a ação do Governo Federal, como já destacado, na concessão de financiamento via BNDES e BNB, complementado pelas políticas setoriais e de isenções tributárias do Governo Estadual. Estes suportes ajudaram a atrair para o Estado, investimentos públicos e privados, nas indústrias automotiva, naval e petroleira; bem como promover a presença de novas indústrias no interior de Estado (Guimarães e Santos, 2018)

Entre os segmentos que compõem a Indústria de Transformação, ganharam participação no Valor Agregado Bruto, entre 2004 e 2014, a Fabricação de Produtos Alimentícios e Bebidas e a Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos; perderam peso a Fabricação de Produtos Têxteis e de Confecções e a Metalurgia. No período analisado ainda não aparecem, com relevância, o registro dos dados da Fabricação de Automóveis e de Derivados de Petróleo, pois ainda se encontravam em processo de implantação.

No momento de crise (2015 e 2016), a Construção Civil foi o segmento mais impactado, com taxa média de -5,1% a.a., enquanto na Indústria de Transformação houve desaceleração média de -2,4% a.a.

Comércio e Serviços

A trajetória das atividades de comércio e serviços situa-se em torno de uma taxa média anual de 9,4% a.a. entre 2004 e 2018 (Tabela 3), com taxas anuais do VAB acima de 5%, nos anos de 2008, 2010 e 2012. Entre os anos de 2004-2014, as atividades de Comércio Varejista e Atacadista apresentaram um crescimento médio de 3,9% a.a.; e nos serviços destacam-se neste período: Alojamento e Alimentação (4,1% a.a.); Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC (5,1% a.a.) e Transportes e Armazenagem (4,1% a.a.). No momento de crise, 2015 e 2016, estas três atividades de serviços registraram retração, respectivamente de -1,6 a.a., -1,0% a.a. e -2,9% a.a. Chama atenção, ainda o aumento da participação do setor no total do VAB estadual, ampliando de 71,3% (2004) para 78,1% (2014)

A percepção da trajetória mais significativa do comércio e serviços nesta fase, também pode ser constatada pela evolução do emprego formal deste setor. Dados do Ministério do Emprego e Trabalho, considerando os anos de 2002 a 2014 (ver Tabela 4), indicam que os empregados formais do setor de comércio e serviços eram 141,6 mil no ano 2002, e alcançaram um contingente de 323,4 mil pessoas, em 2014, indicando uma taxa média anual de crescimento de 7,1 % a.a. O Brasil, no mesmo período, o crescimento médio foi de 6% (RAIS-MTE).

Nos anos seguintes de desaceleração, o comércio em geral cresceu a um ritmo de -5,1% a.a.; e as atividades ligadas aos serviços de alojamento e alimentação -1,6% a.a.; de TIC -1,0% a.a.; e de transporte e alojamento -2,9%. a.a.

Agropecuária

A expansão do VAB agropecuário estadual (Tabela 3) deu-se ao ritmo médio de 0,6% ao ano entre 2004 e 2014, na contramão do desempenho verificado na indústria e serviços; e, em um forte impulso, entre 2004 e 2018 (6,7 a.a.). No primeiro momento, o baixo ritmo foi ocasionado por contexto de forte estiagem, com reflexo, sobretudo nas taxas negativas de 2009, 2010 e 2012, este último ano registrando (24,4%). A partir de 2014, o setor retoma ritmo importante, alcançando mais de 20% em 2017, resultado de uma super safra combinada com valorização de preços de produtos voltados para exportação (ex. manga e uva).

3 Mudanças Relevantes no Tecido Produtivo Pernambucano

O período de expansão recente (2004 a 2014), além de ter contribuído para o importante crescimento da economia de Pernambuco, também representou a deflagração de um processo de transformações significativas na base produtiva estadual.

Uma primeira constatação relevante foi o **retorno da variável investimento como vetor propulsor do desenvolvimento** de Pernambuco, ao lado do consumo das famílias que se expandia no País inteiro. O grande volume de recursos aportados no Estado, notadamente a partir de 2004, fez acionar, de forma vigorosa o setor industrial, revertendo a tendência de duas décadas de crescimento muito baixo, e, sobretudo de um quadro industrial de retração crônica. Em que pese a crise da economia brasileira iniciada em 2015, o expressivo bloco de investimentos realizado sinaliza, ainda, para boa capacidade de maturação futura.

Outra constatação foram as mudanças qualitativas que o ciclo expansivo recente representa para economia pernambucana, em especial, as relevantes transformações verificadas no tecido produtivo local, destacando-se:

- i) A diminuição do peso relativo de atividades tradicionais, como a *Produção Sucroalcooleira, que avança na sua diversificação com foco na produção de biocombustíveis*;
- ii) O surgimento de novas atividades industriais, como as indústrias de *Petróleo e Gás, de Construção Naval, Automobilística, Farmoquímica* e de *Fabricação de Equipamentos e Materiais voltados para a Energia Eólica*;
- iii) A reestruturação de segmentos tradicionais, como o de *Produtos Alimentares e Bebidas, Têxtil, Metalmeccânica, Material Elétrico*;
- iv) A consolidação das atividades de Serviços na base econômica estadual, salientando os *Serviços Prestados às Empresas*, como a *Logística* e a área de *Tecnologia da Informação e Comunicação* (TIC); o *Varejo Moderno*; os serviços ligados ao *Turismo* e à *Produção Cultural*, este em associação com o segmento de TIC, com desdobramentos na chamada “Economia Criativa, os *Serviços de Educação* - com destaque para a média e superior - e os *Serviços de Saúde*;
- v) A reorganização da base agropecuária, com o avanço de atividades ligadas à produção de energia na antiga base canavieira, a consolidação de cadeias importantes como a da avicultura (no agreste) e da ovinocaprinocultura, a produção de orgânicos na base da agricultura familiar, entre outros. Vem se fortalecendo, também, as culturas permanentes, especialmente a produção de manga e uva, nos perímetros irrigados do Sertão do São Francisco, com desdobramentos, no caso da uva, na vitivinicultura; e
- vi) O avanço da produção de energia eólica entre os segmentos dos serviços de utilidade pública.

Como consequência desses processos, também se observa a perspectiva de adensamento de cadeias produtivas (tradicionais e novas), com potencial de alcançar pequenos e médios empreendimentos e de estimular maior interiorização do desenvolvimento.

Outra transformação importante refere-se à alteração no grau de abertura da economia de Pernambuco, observando-se um gradual aumento dos fluxos comerciais e mudanças relevantes, tanto na pauta importadora, conduzida, sobretudo pela expansão da demanda por insumos/matérias-primas; quanto exportadora, com a tendência a se ampliar a participação de produtos industrializados, com perda significativa do peso do açúcar. Não obstante a tendência a se ampliar as relações comerciais do estado com o resto do mundo, vale lembrar que o seu coeficiente de abertura é ainda muito baixo, devendo prevalecer, ainda, por um bom tempo, a produção voltada para os mercados regional e nacional. De todo modo, o Estado, deu um importante passo nesses últimos anos, no sentido de potencializar novas oportunidades de articulação comercial com exterior (ver GALVÃO, 2018, págs. 113-115).

O mercado de trabalho estadual também apresentou transformações importantes. Os dados do emprego formal (RAIS-MTE) indicam uma forte expansão entre 2002 e 2014, com adicional de mais de 820 mil empregos, num crescimento médio de 5,4% a.a. (contra 4,6% a.a. no Brasil), revertendo tendência histórica de baixo crescimento dos empregos e elevadas taxas de desligamentos. No bojo desta expansão, a construção civil e o comércio foram as atividades que mais se expandiram. No primeiro caso, observa-se especial aumento dos empregos formais entre 2007 e 2011, coincidindo com o pico das grandes obras, como a refinaria. Já o comércio, com a crise de 2015 e 2016, Pernambuco experimentou forte diminuição dos empregos, notadamente a construção civil que viu reduzir seu contingente de 117,5 mil em 2014 para 62,0 mil em 2017. Não obstante o forte impacto da crise nos anos mais recentes, a significativa expansão dos anos anteriores resultou, ainda, num incremento de mais de 600 empregos formais em 15 anos. Além disso, o dinamismo verificado também resultou na ampliação da renda geral, e consequentemente, acionou um importante potencial de consumo e de mudanças relevantes no seu padrão (ver Tabela 4).

Tabela 4 – Estado de Pernambuco - Evolução do estoque de empregos formais por atividade econômica

Atividade econômica	Número de empregos			Variação média anual (%)		
	2002	2014	2017	2002 /2014	2014 /2017	2002 /2017
Agropecuária	46.873	46.932	51.838	0,0	3,4	0,7
Indústria	148.731	263.586	229.321	4,9	-4,5	2,9
Construção Civil	44.897	117.532	62.036	8,3	-19,2	2,2
Comércio	141.620	323.387	296.506	7,1	-2,9	5,0
Serviços	561.774	1.017.106	945.079	5,1	-2,4	3,5
Total	943.895	1.768.543	1.584.780	5,4	-3,6	3,5

Fonte: RAIS/MTE.

No momento de crise recente e neste início de 2019, o desemprego e a informalidade explodem, com a Região Metropolitana do Recife apresentando taxas muito superiores à média nacional. Não obstante, num cenário de retomada, o Estado poderá responder rapidamente com retomada dos empregos, dado, como já foi referido, o potencial de maturação dos investimentos recentes, inclusive podendo se vislumbrar expansão no emprego da indústria de Transformação.

Com relação à distribuição espacial dos investimentos, o período recente evidenciou processos simultâneos: (i) de reforço da concentração do volume dos investimentos industriais e de infraestrutura na RMR, levando em conta o porte de alguns estabelecimentos instalados no Complexo de Suape (localizado nos municípios de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho) e da nova planta Fiat Chrysler (já considerando a incorporação do município de Goiana à RMR, onde está localizada) e (ii) de expansão do número de novos empreendimentos que se instalaram no interior de Pernambuco, em municípios como Igarassu, Itapissuma, Caruaru, Vitória de Santo Antão, Glória de Goitá, Salgueiro e Petrolina. A presença desses empreendimentos também revela outra tendência do ponto de vista territorial, e que também vem se observando no País como um todo, qual seja, consolidação de uma rede de cidades de porte médio que

vêm desempenhando papéis fundamentais de polos de desenvolvimento regional. Pela presença de indústrias, mas também de centros comerciais e de prestação de serviços especializados, destaque para educação e saúde.

Como se vê, a economia pernambucana mudou muito nos anos recentes. Não só experimentou dinâmicas distintas como se reconfigurou em vários aspectos, num ambiente mundial e nacional impregnado de importantes transformações.

4 Desafios Estratégicos para o Desenvolvimento Estadual

Muitos desafios são colocados para a sociedade brasileira e pernambucana no presente. O bom desempenho da economia brasileira na década inicial do século XXI, especialmente em Pernambuco, deixa saldo bastante positivo. Avanços na dimensão social também merecem destaque pois sinalizavam para a possibilidade de construção de uma sociedade menos desigual e com menor grau de pobreza, ampliando o leque de oportunidades. Mas, a crise econômica e política, uma retroalimentando a outra, nos anos mais recentes, tiveram impactos muito negativos no Estado e na vida dos pernambucanos. E na conjuntura econômica e política atual persiste com forte grau de instabilidade e incertezas desafiadoras.

Algumas mudanças em curso merecem destaque ao se olhar para o futuro. Uma delas tem a ver com a trajetória demográfica pela qual passa o País, associada à queda da natalidade em paralelo à elevação da esperança média de vida. Tal mudança, tanto no Brasil como em Pernambuco, fará com que, no presente século, se tenha uma sociedade distinta daquela do século passado: com menos jovens e mais idosos. Fica o desafio de considerar os impactos deste novo perfil demográfico nos vários aspectos das vidas econômica, social, cultural e política do Estado.

Por sua vez, a chamada “crise ambiental”, que atrai a atenção do mundo para a insustentabilidade do padrão de relação sociedade humana *versus* ambiente natural herdado dos séculos recentes, também desafia Pernambuco, onde as iniciativas na direção da construção de um novo padrão são incipientes. No caso de Pernambuco, como do conjunto do Nordeste semiárido, por exemplo, o avanço da desertificação preocupa e tenderá a ser um importante desafio a enfrentar. A questão da água ganhará ainda mais destaque, posto que se torna, mundialmente, recurso crescentemente escasso. É outro tema estratégico que se colocará como elemento cada vez mais importante na agenda do desenvolvimento, não escapando ao caso de Pernambuco. Ao mesmo tempo, a consolidação de uma matriz energética baseada em fontes limpas e renováveis é desafio, mas ao mesmo tempo uma oportunidade, visto que já se avançou nesta direção nos anos recentes. O potencial do Nordeste e de Pernambuco é incontestável na eólica, solar e produção de bicomustíveis. Articulá-lo à transposição das águas do São Francisco pode gerar impactos relevantes, inclusive na redução do custo da água.

Em paralelo, e em tempos de urbanização crescente, o padrão de ocupação urbana precisará considerar muito melhor as restrições da natureza, posto que a poluição, os deslizamentos, as inundações, entre outros fenômenos, clamam por um padrão de cidades menos desigual e mais sustentável ambientalmente. E este é um desafio para um estado em que as cidades médias se expandiram e tenderam a reproduzir padrões metropolitanos nos quais a sustentabilidade não mereceu a prioridade necessária.

Mas, talvez, o maior desafio venha do ambiente econômico mundial. A mudança dos padrões técnicos, impulsionada pelo avanço do conhecimento e pela geração de novas tecnologias, tem impactado fortemente os modelos produtivos, fazendo com que a atividade manufatureira seja chamada de “indústria 4.0”. A mudança, neste caso, é profunda.

Trata-se da passagem da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação ou do Conhecimento, baseada em uma nova economia, que se convencionou chamar de “Economia do Conhecimento”. No seio dela, destaca-se uma nova indústria: a de *software*. Pernambuco foi solo fértil para gerar iniciativas importantes nessa direção, e avançou, engatando nessa tendência. E continua avançando, indo na direção do interior, ampliando o diálogo com outros segmentos produtivos e construindo as bases de polo de economia criativa, hoje já reconhecido.

Em paralelo, a agropecuária também está sendo impactada por novos paradigmas que afetarão a base produtiva, tanto no segmento empresarial quanto naquele organizado em bases familiares. E os serviços também serão produzidos e ofertados segundo novo paradigma e novas atividades líderes. Pernambuco tem boa base numa deles: os serviços de tecnologia da informação e comunicação.

Mas a passagem da chamada “era analógica” para a “era digital” é travessia de grandes impactos, econômico, social, cultural e psicossocial. E as mudanças não param aí.

Assim, o desafio estratégico principal é o de inserir a base produtiva estadual e a sociedade pernambucana nesse novo mundo.

Pernambuco, embora seja berço fértil de criatividade, não vem revelando a necessária proatividade na gestão inovadora das atividades que aqui se desenvolvem.

A educação tem, nesse processo, papel estratégico. E está desafiada a ser um dos lastros centrais de um novo momento, tendo concomitantemente que inovar, buscando, entre outras mudanças, sintonia com os novos paradigmas do mundo digital e com as exigências e habilidades requeridas pelo mercado de trabalho do século XXI. Um mercado de trabalho, aliás, em profunda transformação, imerso numa sociedade que tende a se organizar em novas bases.

Portanto, reinventar-se é necessidade que se impõe. Vivenciar mudanças em dimensão muito maior que a experimentada no início do presente século. Pernambuco, ao avançar na sua industrialização no período recente, por exemplo, atraiu a indústria de petróleo e gás e a automotiva, mas elas são símbolos do século XX. Como avançar na indústria 4.0 e nas demais atividades que marcarão o século XXI? E como fazer isso construindo bases firmes de uma sociedade menos desigual e com maior sustentabilidade ambiental do que a que herdamos? Essa é a questão central.

Ao mesmo tempo, o Brasil também está diante desse desafio. Não basta se organizar para sair dessa crise conjuntural: é preciso um projeto estratégico de futuro. Da mesma forma que o País, Pernambuco também carece de um novo “sonho”.

Referências

ARAÚJO, Tania B.; ARAÚJO, Tarcísio P. **Socioeconomia pernambucana: mudanças e desafios**. Recife: CEPA, 2018.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Proposta de política industrial para o Estado de Pernambuco**. Recife: FIEPE/SEBRAE, 2013.

GALVÃO, Olímpio A. O comportamento do comércio internacional. *In* ARAÚJO, Tania B. e ARAÚJO, Tarcísio P. **Socioeconomia pernambucana: mudanças e desafios**. Recife: CEPA, 2018.

GUIMARÃES, Paulo F.; SANTOS, Valdeci M. Dinâmica dos investimentos na economia de Pernambuco: 2000-2017. *In* ARAÚJO, Tania B.; ARAÚJO, Tarcísio P. **Socioeconomia pernambucana: mudanças e desafios**. Recife: CEPA, 2018.

LIDE-PE. **Investimentos produtivos e de infraestrutura econômica: Pernambuco e o contexto nacional** Relatório de Pesquisa. Recife: LIDE, 2016. Publicado na revista Negócios PE, v.42, n.42, 2016.

MONTEIRO NETO, Aristides; VERGOLINO, José R. de O.; SANTOS, Valdeci M. dos. **Capacidades Governativas no ambiente federativo do Brasil: Pernambuco (2000-2012)**. Brasília: IPEA, 2015. Disponível em : http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/capacidades_governativas.pdf. Acesso em: 14/05/2019.

OLIVEIRA, Fábio L. de; GUIMARÃES NETO, Leonardo. A Dinâmica da economia e transformações relevantes. *In* ARAÚJO, Tania B.; ARAÚJO, Tarcísio P. **Socioeconomia pernambucana: mudanças e desafios**. Recife: CEPA, 2018. aproveitou bem o crescimento regional. O setor químico se fortaleceu com a chegada de novas indú